



Redução na produção de cacau gera aumento de 31,93% nos custos de produção na Bahia

A produção cacauzeira no Brasil, em especial no estado da Bahia, não correspondeu às expectativas para a safra 2015/2016. Condições meteorológicas desfavoráveis, associadas aos danos sofridos em decorrência da vassoura de bruxa e podridão parda, fizeram com que houvesse estresse maior dos cacauzeiros, resultando em menor intensidade de lançamento foliar e floração da safra temporã nos últimos 30 anos, segundo nota técnica publicada pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauzeira (CEPLAC/MAPA). Como consequência, houve comprometimento do rendimento em peso das amêndoas pela antecipação da maturação dos frutos.

De acordo com dados publicados no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve queda de 24,2% na safra de cacau da Bahia em novembro. Os impactos desta redução sobre os custos de produção estão dispostos no Gráfico 1, que simula o comportamento dos custos levantados pelo projeto Campo Futuro referentes a novembro.

Observou-se aumento de 31,93% no Custo Total (CT) da produção cacauzeira nas

idades baianas de Eunápolis, Gandu e Itajuípe. No primeiro município, o custo da arroba do cacau, que em condições normais de produção foi de R\$ 93,56, passou para R\$ 123,43. Seguindo o mesmo comportamento, em Gandu e Itajuípe, os custos subiram de R\$ 146,81/@ para R\$ 193,68/@ e de R\$ 138,60/@ para R\$ 182,86/@, respectivamente.

Pelas reduções da safra divulgada pelo IBGE e a partir da média dos preços pagos aos produtores pela arroba do cacau, apenas o município de Eunápolis manteve lucro com a atividade. Nos demais, a produção apresentou margens de lucro positivas. No entanto, investimentos alternativos à produção de cacau seriam mais rentáveis.

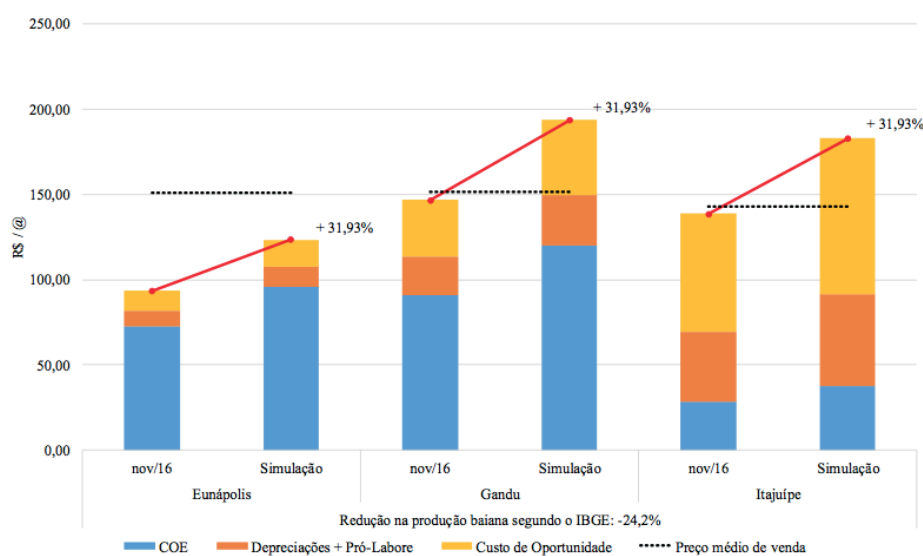


Gráfico 1: Simulação do impacto da redução na produção baiana de cacau sobre os custos de produção em novembro de 2016

Fonte: IBGE; Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA
Elaboração: CIM/UFLA

Queda na produção e nos estoques de suco elevam preço da laranja

Nos últimos sete meses, pôde-se observar aumento no preço médio ponderado pago ao produtor da laranja em São Paulo e no Paraná, segundo dados do projeto Campo Futuro. A taxa média de crescimento mensal dos preços foi de 5,41% e a variação média ponderada em todo o período foi de 4,42%. Em maio, o preço médio ponderado foi de R\$ 16,99/caixa

(40,8 kg), enquanto em novembro foi de R\$ 23,14/caixa. A evolução dos preços de venda da laranja pode ser observada no Gráfico 2.

O valor de comercialização mais baixo no período analisado foi observado na cidade de Cornélio Procópio (PR), de R\$ 14,70/caixa em setembro. O preço mais

alto foi de R\$ 33,20/caixa, verificado em outubro/16 no município de Estrela d'Oeste (SP).

O aumento dos preços de venda da laranja foi ocasionado pela diminuição da oferta interna do produto, devido à queda da produção no Brasil e nos EUA, principais países produtores de laranja. Segundo o

IBGE, a queda prevista para a produção brasileira em 2016 é de 4,5% em relação a 2015. De acordo com a Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA), a redução na produção pode estar atrelada à diminuição do número de pés da fruta em São Paulo. Foram derrubadas no estado mais de 1,9 milhão de árvores com sintomas de greening no primeiro semestre deste ano, 28,8 mil com cancro cítrico, 1,5 milhão de plantas alegando mudança de atividade e 558,2 mil devido à reforma dos laranjais.

Todo este cenário vem diminuindo o estoque de suco no Brasil e no mundo. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicou que os estoques iniciais da safra de 2012/2013 (a maior dos últimos anos) eram de 509 mil toneladas. A previsão é que a safra 2015/2016 termine com 123 mil toneladas em estoque, recuo de 75,83%.

Desta forma, as exportações brasileiras até outubro de 2016 aumentaram em

relação ao mesmo período do ano passado como tentativa de repor os estoques dos países de destino, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). As vendas para União Europeia e China

chegaram a 610 mil toneladas de suco e 27 mil toneladas, respectivamente, com aumento de aproximadamente 9% e a pressão de demanda também se refletindo nos preços.

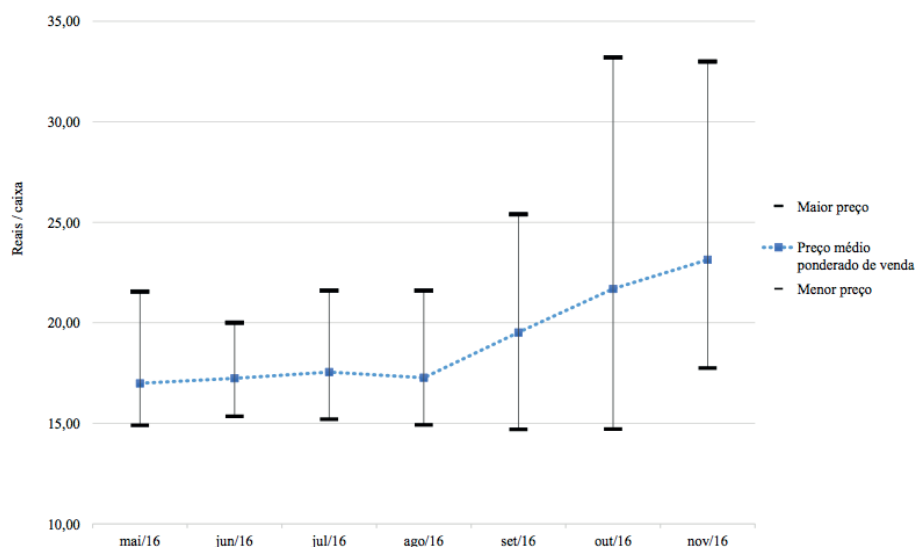


Gráfico 2: Influência do reajuste salarial sobre o COT de janeiro/2016. | Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA
Elaboração: CIM/UFLA

Aumento no preço da goiaba favoreceu a Relação de Troca (RT) em Petrolina (PE)

A Relação de Troca (RT) dos principais componentes do Custo Total (CT) da produção de goiaba em Petrolina(PE) foi favorecida pela alta dos preços pagos aos produtores. A alta foi de 24,84% em média entre agosto e novembro deste ano, de R\$ 1.086,00 para R\$ 2.078,00 por tonelada. Esta elevação pode ser explicada pela diminuição na oferta nacional, devido aos problemas meteorológicos que afetaram uma das principais regiões produtoras de São Paulo em setembro.

No geral, a RT em Petrolina caiu de 40,13 toneladas em agosto para 20,77 em novembro passado, queda mensal de 19,23%, como observado no Gráfico 3.

Entre os principais componentes dos custos de produção, a mecanização tem a maior expressividade na RT, uma vez que é necessária, em média, a receita de 9,63 toneladas para cobrir estes custos. Esta quantidade representa 24,07% da produtividade da propriedade típica (modal) do município pernambucano.

Foi observada uma diminuição nos preços dos insumos no período analisado, de 6,43%. Este fato, atrelado à alta nos preços pagos aos produtores, contribuiu para uma RT mais favorável, indo de 0,65

toneladas em agosto para 0,34 toneladas em novembro, redução de 47,74%.

A RT das depreciações, pró-labore e dos custos de oportunidade representou um total de 10,17 toneladas, em média, 25,42% da produtividade e acima do

mais expressivo componente dos custos, a mecanização.

A RT representa, neste caso, a quantidade em toneladas de goiaba necessária para pagar os custos de produção, ou um determinado grupo de custos, em um hectare.

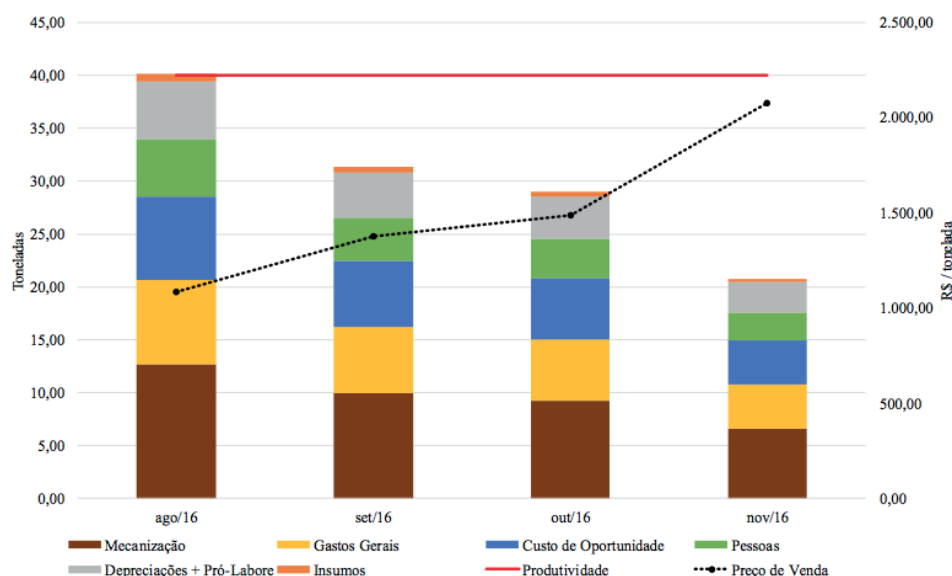


Gráfico 3: Relação de troca dos componentes de custos de produção da goiaba em Petrolina(PE)
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA
Elaboração: CIM/UFLA

Oferta reduzida de abacate influenciou exportações e preço em 2016

As exportações brasileiras de abacate nos últimos 15 anos passaram de 863 toneladas em 2001 para 4.628 toneladas em 2015. A taxa de crescimento foi positiva e estatisticamente significativa, de 15,5% ao ano, influenciando o preço pago ao produtor.

Como apresentado no Gráfico 4, mais de 60% das vendas foram destinadas para a Holanda em 2015. Juntamente com Espanha e França, estes países concentram 94% do volume exportado da fruta pelo Brasil.

Em 2015, apesar do crescimento, as exportações brasileiras caíram 1.178,36 toneladas em relação a 2014, queda de 20,29%. Este cenário ocorreu devido às condições meteorológicas desfavoráveis.

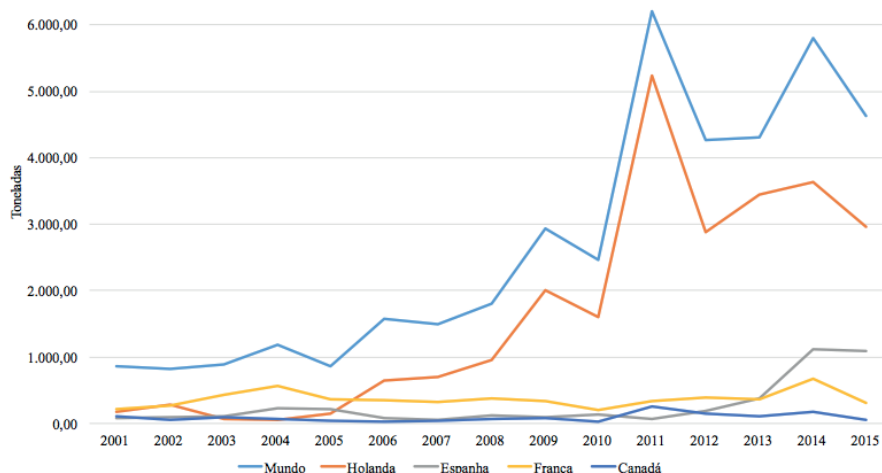


Gráfico 4: Principais destinos das exportações brasileiras de abacate
Fonte: MDIC
Elaboração: CIM/UFLA

Em 2016, os problemas meteorológicos foram recorrentes, mas as exportações ocorridas de janeiro a outubro superaram o total exportado em 2015, com aumento de 6,95%. A convergência des-

tas condições reduziu a oferta.

Nos últimos três anos o comportamento dos embarques foi de aumento de março para abril (Gráfico 5). O pico de ex-

portação em 2015 e 2016 foi no mês de abril, com 1.798,93 toneladas e 2.153,39 toneladas, respectivamente. Já em 2014 o pico foi no mês de maio, com 1.324,66 toneladas.

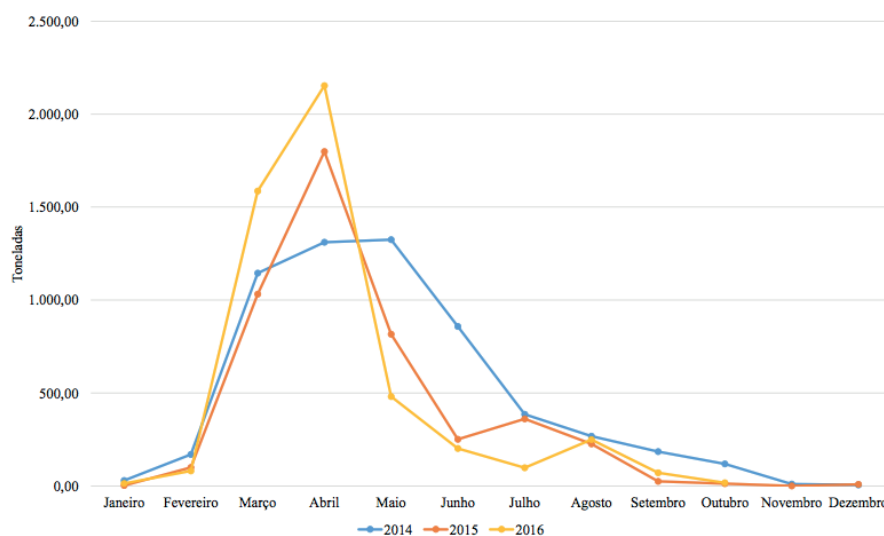


Gráfico 5: Exportações mensais de abacate brasileiro em 2014, 2015 e 2016
Fonte: MDIC
Elaboração: CIM/UFLA

Diante da menor oferta de abacate, os preços pagos ao produtor em 2016 foram influenciados. Subiram expressivamente entre o fim do primeiro e o início do segundo semestre deste ano, quando houve altas contínuas até novembro. O aumento médio mensal dos preços, dispostos no Gráfico 6, foi de

29,52% em São Gotardo(MG) e 30,37% em Piraju(SP).

Entre maio e junho, os preços médios ponderados apresentaram variação expressiva, de R\$ 1.318,18/ton para R\$ 1.789,84/ton, elevação de 35,78%. De junho a setembro, não houve grandes

alterações. Em outubro, outra incremento nos preços, de 31,80%, quando ficaram em R\$ 2.797,98. A maior alta foi de 87,22% entre outubro e novembro, quando os preços foram de R\$ 2.797,98/ton para R\$ 5.238,29/ton. 🌿

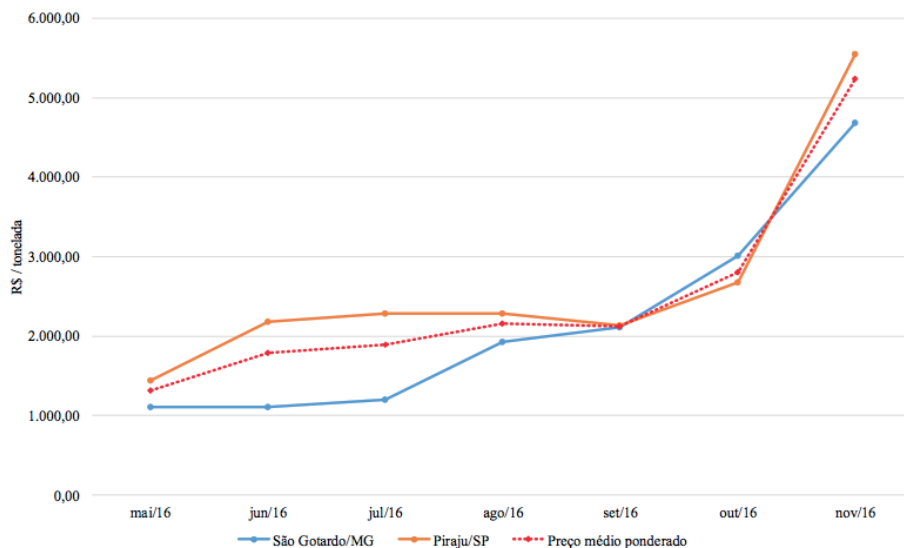


Gráfico 6: Comportamento do preço pago ao produtor de abacate entre maio e novembro

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA-CIM/UFLA

Elaboração: CIM/UFLA